

A FÊNIX RUSSA

Cesar Benjamin

Nascido em 20 de novembro de 1896 na aldeia de Ugodsky Zavod (hoje renomeada Júkov), Georgy Júkov viveu a primeira infância no limiar da completa privação e da fome. Os rendimentos dos pais, camponeses pobres, mal davam para comprar pão e sal. A alimentação da família era frequentemente complementada por sopa e mingau doados por outros moradores da aldeia. Depois do desabamento de sua choupana, foi morar num celeiro, dependendo da caça, da pesca e de trabalhos ocasionais para sobreviver.

Uma viagem solitária a Moscou lançou-o na vida adulta com doze anos de idade. Tornou-se aprendiz em uma oficina de peles, morando nela, maltratado pelos adultos e cumprindo jornadas de doze a quinze horas diárias. Em julho de 1915, com dezenove anos, apresentou-se ao Exército Imperial para lutar na Primeira Guerra Mundial.

Trinta anos depois, aquele antigo soldado raso, já marechal, entrou em Berlim comandando a gigantesca máquina militar que derrotou o Terceiro Reich e pôs fim à Segunda Guerra Mundial, o acontecimento mais importante na história do século XX. O evento que ligou decisivamente os dois extremos dessa trajetória pessoal foi a Revolução de Outubro de 1917.

* * *

Muito ampliado por causa da guerra, o Exército Imperial foi um dos focos da Revolução. Foi nele que Júkov teve contato com os ideais bolcheviques: terra, paz e pão, todo o poder aos soviets. Afastado do serviço ativo em 1917, gravemente acometido de tifo, ao retornar no ano seguinte alistou-se como voluntário em um regimento de cavalaria da Guarda Vermelha. Participou da Guerra Civil no embrião do Exército Vermelho, que, naquele momento, reunia apenas 200 mil ho-

mens contra tropas de catorze países que haviam se juntado à poderosa Guarda Branca, organizada para restaurar o antigo poder.

Foi um Exército que se formou combatendo, muitas vezes em situações parecidas com as que voltariam a ocorrer cerca de vinte anos depois. Pois, no começo das décadas de 1920 e de 1940, por algum tempo as duas guerras pareciam perdidas.

* * *

Em março de 1919, o sargento Júkov foi aceito como membro do Partido Comunista. Durante a Guerra Civil, participou de combates intensos, foi gravemente ferido, perdeu dois cavalos em um mesmo dia, atingidos pelo fogo inimigo. Quase morreu esmagado e dilacerado por um deles, em agonia, sendo salvo pela oportuna intervenção de seus companheiros de armas.

Foi condecorado com a Ordem da Bandeira Vermelha, por bravura, porque

[...] em 5 de março de 1921, em uma batalha nos arredores da aldeia Vyazovaya Pochta, apesar do ataque de uma força oponente com 1,5 mil a 2 mil cavalaria, deteve a investida do inimigo com seu esquadrão durante sete horas e, passando ao contra-ataque, aniquilou o bando após seis horas de combates corpo a corpo.

Com o fim da Guerra Civil em 1921, o Exército Vermelho liberou grande parte dos seus soldados para tarefas civis, permanecendo com 562 mil homens mobilizados, Júkov entre eles. Tornara-se um militar.

O poder passara aos conselhos. Os novos comandantes, inclusive no nível de regimentos, eram referendados em assembleias gerais. Júkov foi nomeado comandante do 39º Regimento de Cavalaria. Nessa condição, participou da consolidação do Exército Vermelho dos Trabalhadores e Camponeses (RKKA em russo), um processo longo e complexo.

* * *

Criar uma organização militar nova e eficiente não era tarefa simples. A experiência profissional de militares do velho Exército Imperial e o ímpeto renovador de operários e camponeses recém-emancipados de posições subalternas tiveram que conviver, frequentemente em con-

flito, enquanto se edificavam novas estruturas de poder que afetavam também a relação entre oficiais e soldados. Entre os debates novos, estavam o papel de uma figura singular, a do comissário político, e a relação entre o Exército regular e as milícias populares, formações voluntárias, vocacionadas para a guerra irregular.

O posto de comissário político foi instituído depois da Revolução de Fevereiro de 1917, pois o governo menchevique de Kerensky decidiu fiscalizar a atuação dos oficiais do antigo Exército Imperial quando o general Kornilov chefiou uma tentativa de contrarrevolução. O posto foi confirmado e fortalecido pelos bolcheviques depois da Revolução de Outubro. Desde então, o papel e a importância dos comissários oscilaram em cada conjuntura, mas sempre foram significativos. Talvez como herança da prática dos velhos bolcheviques — que, incapazes de derrotar militarmente o Exército Imperial, conseguiram desintegrá-lo por dentro —, o comando soviético demonstrava preocupação especial com o trabalho político na tropa.

Pressionadas pela Guerra Civil, todas as lideranças bolcheviques concordaram em fortalecer o Exército regular, em detrimento da mentalidade guerrilheira, que persistia. Tukhachevsky tratava a proposta de um Exército de milícias populares como uma superstição:

Os traços característicos de um Exército de milícia são o grande tamanho e a fraca eficiência na guerra. Grandes Exércitos sem um núcleo de formações militares permanentes não podem receber instrução completa em unidades regulares em tempos de paz, pois só se reúnem quando há ordens de mobilização. A introdução do sistema de milícias conduzirá à morte da União Soviética.¹

Stalin seguia a mesma linha:

Um Exército de voluntários não basta. Nossa República não conseguirá se defender com ele. Precisamos formar outro, regular, bem organizado, com espírito de disciplina, capaz de enfrentar e deter um inimigo forte.²

Trotsky, também:

A fim de treinar o Exército Vermelho, estamos trabalhando com alguns dos melhores e mais honestos dos velhos generais. Não é peri-

goso? Há perigo em tudo. Mas precisamos de professores que conheçam a guerra.³

Mais de 30 mil oficiais foram aceitos no Exército Vermelho, entre os 216 mil militares oriundos do Exército Imperial. A influência deles predominou até 1924, mas se projetou além disso. Boris M. Shaposhnikov, por exemplo, era coronel do Exército Imperial e se tornou um grande estrategista do Exército Vermelho, chefe do Estado-Maior durante grande parte da Segunda Guerra Mundial.

Na plenária de janeiro de 1925 do Comitê Central do Partido Comunista, o general Mikhail Frunze alertou:

Muitos de nossos companheiros, especialmente aqueles que estiveram nas frentes da Guerra Civil, pensam que ainda vivemos naquela época. São sentimentos perigosos, pois a guerra que virá não será parecida com aquela. [...] Os métodos serão outros. Teremos que enfrentar excelentes Exércitos, armados com as técnicas mais recentes. Se não dispusermos delas, as perspectivas serão adversas.⁴

* * *

A história mostrou que Frunze tinha razão. Logo se difundiu a consciência de que era necessário estabelecer uma nova estratégia militar, na qual o Exército regular, organizado em bases territoriais, teria papel fundamental. Nesse ano adotou-se o princípio do comando unificado nas Forças Armadas. As milícias revolucionárias foram sendo desmobilizadas ou absorvidas pelo Exército, até serem extintas em 1939 para serem recriadas, na prática, depois da invasão alemã, com a missão de atuar na retaguarda inimiga.

Como a jovem União Soviética não dispunha de indústria bélica, o Exército Vermelho permaneceu vários anos equipado basicamente com o armamento herdado do antigo Exército Imperial. Faltava tudo, e o que existia precisava ser modernizado. O desenvolvimento da capacidade de defesa andava em par com a industrialização, impulsionada embrionariamente a partir de 1925. Os efeitos demoraram a chegar. Até o final da década, o Exército contava com apenas 100 blindados e 350 caminhões, e quase todas as suas 7 mil peças de artilharia eram canhões leves. Praticamente, inexistia fogo antiaéreo.

* * *

Enquanto isso, os demais grandes Exércitos lançavam-se no estudo das experiências da Primeira Guerra Mundial. Os alemães destacaram-se nisso, talvez porque os vencidos tenham mais estímulos para inovar.

O general Hans von Seeckt, que reformou o Exército alemão na década de 1920, trabalhou sob as severas restrições impostas pelo Tratado de Versalhes, que limitava o contingente a 100 mil homens com no máximo 288 peças de artilharia de calibre não superior a 105mm, proibindo muitos tipos de armamento. Foi dele a concepção de um *Eliteheer*, ou seja, um Exército profissional de alta qualidade que pudesse se desdobrar rapidamente em um Exército maior no futuro, quando as condições permitissem, o que de fato aconteceu. Também foi dele a intuição da *Blitzkrieg* como nova maneira de operar. Ainda em 1926, escreveu profeticamente: “A guerra do futuro usará forças móveis relativamente pequenas mas de grande qualidade, que se tornarão muito mais efetivas com o uso da aviação e a mobilização de todas as forças logo no início do ataque.”⁵

* * *

A situação internacional deteriorou-se gravemente no início da década de 1930, no Leste e no Oeste. O Japão invadiu a Mandchúria em 1931, sem declaração de guerra. Hitler chegou ao poder na Alemanha em 1933, lançando um programa econômico que incluía amplo rearmamento. Na segunda metade da década de 1930, os países fascistas estavam prontos para uma nova guerra. A Alemanha contava com 1 milhão de homens nas Forças Armadas e 2 milhões em organizações paramilitares, contingentes que poderiam ser quintuplicados em caso de mobilização geral. A ordem internacional estabelecida pelo Tratado de Versalhes já deixara de existir.

Em 1º de outubro de 1934, Hitler criou em segredo a Luftwaffe, inicialmente encoberta pela empresa de aviação civil Lufthansa. A existência da nova aviação militar alemã só foi anunciada publicamente em 11 de março de 1935, quando ela já operava 1.888 aeronaves, com mais de 20 mil homens. No mesmo ano, entraram em operação as primeiras divisões Panzer, de blindados, sob a liderança operacional do general

MOSCOU

Outubro de 1941 – Janeiro de 1942

Quando me perguntam qual foi o fato mais memorável da guerra, respondo: a Batalha de Moscou. Ali, o Exército Vermelho impôs pesadas derrotas ao destacamento principal das forças de Hitler em seis meses de guerra. Esta foi a nossa primeira vitória estratégica sobre a Wehrmacht. [...]

Na guerra contra a União Soviética, apesar de uma cuidadosa preparação, os nazistas enfrentaram uma circunstância imprevista. Nunca imaginaram que teriam de lutar em duas frentes. De um lado, contra o Exército Vermelho. De outro, contra poderosas forças guerrilheiras que atuavam ativamente sob a liderança de muitas organizações clandestinas infiltradas na retaguarda inimiga. [...]

GEORGY JÚKOV

STALINGRADO

Agosto de 1942 – Fevereiro de 1943

A Batalha de Stalingrado foi particularmente violenta. Só pode ser comparada à Batalha de Moscou. De 19 de novembro de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, foram dizimadas 32 Divisões e 3 Brigadas inimigas, enquanto outras 16 Divisões restantes perderam entre 50% e 75% de seus combatentes.

As perdas totais das forças inimigas nas regiões do Don, Volga e Stalingrado chegaram a 1,5 milhão de homens, 3,5 mil blindados, 12 mil peças de artilharia, 3 mil aviões e muitos outros equipamentos. Tais perdas em homens e meios influíram drasticamente na situação estratégica geral e abalaram a base de toda a máquina militar da Alemanha nazista. O inimigo perdeu a iniciativa estratégica.

GEORGY JÚKOV

KURSK

Julho – Agosto de 1943

As batalhas nas regiões de Kursk, Orel e Belgorod figuram entre as maiores da Grande Guerra Patriótica e de toda a Segunda Guerra Mundial. Foram derrotados não apenas os destacamentos mais seletos e poderosos dos alemães, mas também foi irremediavelmente comprometida a confiança do Exército e do povo alemão nas lideranças nazistas e na capacidade de a Alemanha resistir ao crescente poder da União Soviética.

A derrota do grupamento principal das forças alemãs em Kursk preparou o caminho das forças soviéticas para as operações ofensivas seguintes, de grande envergadura, e para a completa expulsão dos alemães do nosso território, em seguida da Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Romênia e Bulgária, culminando com a derrota final da Alemanha nazista.

GEORGY JÚKOV

BERLIM

Abril – Maio de 1945

Incomum e tremendamente complexa, a ofensiva contra Berlim exigia a preparação mais minuciosa possível em todos os níveis da Frente e dos Exércitos. Esperava-se que as tropas da I Frente Bielorrussa atravessassem uma zona defensiva formada por muitos escalões e que se estenderia ininterruptamente do rio Oder até Berlim.

A experiência da guerra nunca nos havia colocado diante da tomada de uma cidade tão grande e tão fortificada. Sua área total era de 565 km². O metrô e outras redes de engenharia subterrâneas, muito extensas, ofereciam grandes possibilidades para movimentos de tropas. A própria cidade e seus arredores haviam sido cuidadosamente preparados para a batalha. Todas as ruas, praças, avenidas, edifícios, canais e pontes constituíam baluartes no sistema defensivo.

Aviões de reconhecimento soviéticos realizaram seis inspeções aéreas de Berlim, observando e fotografando acessos e zonas defensivas. [...] Os engenheiros do Exército construíram uma maquete perfeita da cidade e de seus arredores para ser usada no planejamento do ataque final.

GEORGY JÚKOV

ANEXO

75 ANOS DA GRANDE GUERRA PELA PÁTRIA¹

Vladimir Putin

Costuma-se dizer que a guerra deixou uma marca profunda na história de todas as famílias. Por trás destas palavras, estão os destinos de milhões de pessoas, os seus sofrimentos e a dor da perda. Mas também estão o orgulho, a verdade e a memória.

Para meus pais, a guerra foi vivida nos terríveis sofrimentos do cerco de Leningrado, onde morreu meu irmão Vitya, de dois anos. Minha mãe conseguiu sobreviver milagrosamente. Meu pai, apesar de dispensado do serviço ativo, ofereceu-se como voluntário para defender sua cidade natal. Tomou a mesma decisão de milhões de cidadãos soviéticos. Lutou no Nevsky Pyatachok e foi ferido com gravidade.

Quanto mais o tempo passa, mais sinto saudades de conversar com meus pais e aprender sobre os tempos de guerra e de suas vidas. Mas já não é possível perguntar nada. Por isso, guardo no coração as conversas que tive com eles sobre este assunto e as suas emoções.

As pessoas da minha idade e eu acreditamos que é importante que nossos filhos, netos e bisnetos entendam a dor e as dificuldades que seus antepassados suportaram. Como conseguiram resistir e vencer? De onde surgiu a poderosa força de espírito que surpreendeu e fascinou todo o mundo?

Sim, eles estavam defendendo seu lar, seus filhos, seus entes queridos e suas famílias. Mas o que os unia era o amor pela Pátria, pela terra natal. Este sentimento profundo e pessoal reflete-se em toda plenitude

¹ Artigo divulgado no site oficial do governo russo, em 9 de maio de 2020, para comemorar os 75 anos da vitória contra o nazismo. [N.E.]

na própria essência do nosso povo e se tornou um dos fatores determinantes em sua luta heroica, cheia de sacrifícios, contra os nazistas.

Muitas vezes as pessoas perguntam: o que faria a geração atual? Como ela agiria em uma situação crítica? Vejo jovens médicos e enfermeiros, recém-formados, que vão para zonas de perigo salvar vidas. Vejo nossos militares lutando contra o terrorismo internacional no Norte do Cáucaso e aqueles que morreram de pé na Síria, tão jovens! Muitos combatentes do lendário e imortal 6º Batalhão de Paraquedistas tinham dezenove, vinte anos de idade. Mas todos mostraram que são dignos do feito dos soldados da nossa Pátria, que a defenderam na Grande Guerra.

Cumprir o dever e não pensar em si mesmo, quando as circunstâncias assim o exigem, fazem parte do caráter dos povos da Rússia. Valores como espírito de sacrifício, patriotismo, amor por sua terra, por sua família e pela Pátria seguem sendo fundamentais para a sociedade russa. Eles são, no fundo, a base da soberania de nosso país.

Hoje, surgiram em nosso país novas tradições, que o povo criou, como o “regimento imortal”. É uma marcha da memória. Simboliza a nossa gratidão, a conexão viva e os laços de sangue entre as gerações. Milhões de pessoas saem às ruas com fotografias de parentes que defenderam a Pátria e derrotaram os nazistas. Isto significa que suas vidas, suas proações e sacrifícios, bem como a vitória que deixaram para nós, não serão esquecidos.

Nossa responsabilidade é fazer tudo para impedir que estas tragédias se repitam. Por isso, considere meu dever publicar um artigo sobre a Segunda Guerra Mundial e a Grande Guerra pela Pátria. Eu discuti a ideia em diversas ocasiões com os líderes mundiais, e eles mostraram sua compreensão. Na cúpula dos líderes da Comunidade dos Estados Independentes, realizada no final do ano passado, todos fomos da mesma opinião: é essencial transmitir às gerações futuras a lembrança de que a vitória sobre os nazistas foi alcançada em primeiro lugar pelo povo soviético, de que os representantes de todas as Repúblicas da União Soviética lutaram juntos neste combate heroico, tanto na linha de frente quanto na retaguarda. Durante a cúpula, conversei também com meus colegas sobre o desafiador período de antes da guerra.

Este tema causou grande impacto na Europa e no mundo. Portanto, abordar as lições do passado é realmente necessário e atual. Ao mesmo

tempo, houve muitas emoções, complexos maldisfarçados e acusações. Como é costume, alguns políticos rapidamente afirmaram que a Rússia estava tentando reescrever a história. No entanto, eles não conseguiram refutar um único fato ou argumento apresentado. É difícil, é mesmo impossível, argumentar contra documentos originais conservados não apenas em arquivos russos, mas também estrangeiros.

Por isso, é preciso continuar analisando as razões que levaram à guerra mundial e refletir sobre seus complexos eventos, tragédias e vitórias, bem como sobre suas lições, tanto para nosso país quanto para o mundo todo. Repito: é fundamental basearmo-nos exclusivamente em documentos de arquivo e em testemunhos de pessoas dessa época, para evitar quaisquer especulações ideológicas ou politizadas.

O Tratado de Versalhes

Recordo novamente uma coisa óbvia: as causas profundas da Segunda Guerra Mundial decorrem em grande parte das decisões tomadas após a Primeira Guerra. Para a Alemanha, o Tratado de Versalhes se tornou um símbolo de uma grande injustiça. Basicamente, ele foi um assalto ao país, forçado a pagar enormes reparações de guerra aos aliados ocidentais, que drenaram sua economia. O marechal francês Ferdinand Foch, comandante das forças aliadas, fez uma descrição profética do Tratado: “Isso não é a paz. É uma trégua por vinte anos.”

A humilhação nacional formou o terreno fértil para sentimentos radicais e revanchistas na Alemanha. Os nazistas jogaram habilmente com estas emoções e elaboraram sua propaganda, prometendo libertar a Alemanha do “legado de Versalhes” e restaurar o antigo poderio do país, enquanto, na verdade, estavam empurrando os alemães para uma nova guerra. Paradoxalmente, os países ocidentais, particularmente o Reino Unido e os Estados Unidos, contribuíram direta ou indiretamente para isso. Seus círculos financeiros e industriais investiram ativamente em fábricas alemãs que desenvolviam equipamentos militares. Além disso, entre a aristocracia e o *establishment* político havia muitos apoiadores dos movimentos radicais, de extrema-direita e nacionalistas que estavam em ascensão na Alemanha e na Europa.

A “ordem mundial” de Versalhes causou inúmeras controvérsias ocultas e conflitos abertos. Na sua base, estão as fronteiras dos novos Estados europeus, estabelecidas aleatoriamente pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial. A delimitação das fronteiras foi quase imediatamente seguida por disputas territoriais e reivindicações mútuas, transformando-se em uma bomba-relógio.

Um dos resultados mais importantes da Primeira Guerra Mundial foi a criação da Liga das Nações. Existiam grandes expectativas de que esta organização internacional garantiria a paz e a segurança coletiva no longo prazo. Era uma ideia progressista que, caso fosse realizada de maneira consistente, poderia realmente impedir que os horrores de uma guerra mundial ocorressem novamente.

No entanto, a Liga da Nações, dominada pelos poderes vitoriosos da França e do Reino Unido, mostrou ser ineficiente e afundou em conversas inúteis. A Liga das Nações e o continente europeu em geral não escutaram os repetidos apelos da União Soviética para estabelecer um sistema igualitário de segurança coletiva e concluir os pactos da Europa Oriental e do Pacífico para impedir qualquer agressão. Estas propostas foram desconsideradas.

A Liga das Nações também não conseguiu impedir os conflitos em diversas partes do mundo, como o ataque italiano contra a Etiópia, a Guerra Civil Espanhola, a agressão japonesa contra a China e a anexação da Áustria. Além disso, no Acordo de Munique, que, além de Hitler e Mussolini, teve a participação dos líderes britânicos e franceses, a Tchecoslováquia foi desmembrada com total aprovação da Liga das Nações. Gostaria aqui de ressaltar que, diferentemente de muitos dos chamados líderes europeus da época, Stalin não se manchou e não se encontrou pessoalmente com Hitler, conhecido então nos círculos ocidentais como um político respeitável e um convidado estimável nas capitais europeias.

O papel da Polônia

A Polônia também participou no desmembramento da Tchecoslováquia, junto com a Alemanha. Eles decidiram, antecipadamente, quem ficaria com as terras da Tchecoslováquia. Em 20 de setembro de 1938, o embaixador polonês na Alemanha, Jozef Lipski, informou o ministro

das Relações Exteriores da Polônia, Jozef Beck, sobre as garantias de Hitler: “No caso de um conflito entre a Polônia e a Tchecoslováquia sobre nossos interesses em Cieszyn, o Reich ficará do nosso lado.” O líder dos nazistas até aconselhou a Polônia a agir “só depois que os alemães ocupassem os Sudetos”.

A Polônia sabia que, sem o apoio de Hitler, seus planos de anexação fracassariam. Cito um registro da conversa entre o embaixador alemão em Varsóvia, Hans-Adolf von Moltke, e Jozef Beck, ocorrida em 1º de outubro de 1938, focada nas relações entre Polônia e Tchecoslováquia e na posição dos soviéticos sobre este assunto. A matéria diz:

O sr. Beck expressou grande gratidão pela lealdade aos interesses poloneses na Conferência de Munique, bem como pela sinceridade das relações durante o conflito tcheco. O governo e o povo [polonês] apreciam muito a atitude do Führer e do Chanceler.

O desmembramento da Tchecoslováquia foi cruel e cínico. Munique destruiu até as garantias frágeis e formais que tinham permanecido no continente, mostrou que os acordos mútuos eram inúteis. O Acordo de Munique foi o estopim que tornou inevitável a grande guerra na Europa.

Hoje, políticos europeus e especialmente os líderes poloneses desejam varrer o Acordo de Munique para baixo do tapete. Por quê? O motivo não é somente por seus países terem rompido compromissos e apoiado o Acordo, com alguns inclusive participando do saque, mas também porque é incômodo lembrar que, durante os dias dramáticos de 1938, a União Soviética foi a única a defender a Tchecoslováquia.

A União Soviética, de acordo com suas obrigações internacionais, incluindo os acordos com a França e a Tchecoslováquia, tentou evitar a tragédia. Enquanto isso, a Polônia, defendendo seus interesses, estava fazendo de tudo para evitar a criação de um sistema de segurança coletivo na Europa. Jozef Beck escreveu sobre isso diretamente em sua carta de 19 de setembro de 1938 ao embaixador Jozef Lipski antes do encontro com Hitler: “No ano passado, o governo polonês rejeitou quatro vezes a proposta de se juntar à intervenção internacional em defesa da Tchecoslováquia.”